



**O
JESUS
JUDEU**

RECONECTANDO-SE COM A VERDADE
SOBRE JESUS, ISRAEL E A IGREJA

DAVID HOFFBRAND

 **IMPACTO**



Rua Tamoio, 226
Santa Catarina
Americana - SP
13466-250
Tel.: (19) 3462-9893
contato@revistaimpacto.com.br
www.revistaimpacto.com.br

Tradução:

Paulo Henrique Santos da Costa

Revisão:

Micaías Pascoal de Deus

Capa:

Ian Barnard

Diagramação:

Eduardo C. de Oliveira

O JESUS JUDEU

Copyright © 2017 by David Hoffbrand

Título original: THE JEWISH JESUS

Publicado originalmente em Israel, em inglês,
por Oasis Publications
Kiryat Chaim, Israel
bluzharp48@gmail.com

Copyright © 2022 Impacto Publicações

Publicado no Brasil por:
IMPACTO PUBLICAÇÕES
www.revistaimpacto.com.br

Para os textos bíblicos, salvo menção em contrário,
foi usada a versão Almeida Século 21.

PEQUENOS TRECHOS DESTA TEXTO
PODEM SER CITADOS OU REPRODUZIDOS,
DESDE QUE MENCIONADA A FONTE, COM
ENDEREÇO POSTAL E ELETRÔNICO.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H698j Hoffbrand, David

O Jesus judeu / David Hoffbrand. _ São Paulo: Impacto, 2022

216 p.

ISBN: 978-65-86220-29-2

1. Humanidade de Jesus 2. Israel 3. Raízes judaicas 4.
Teologia da substituição I. Título

CDU 27-312

SUMÁRIO

	Introdução	11
PARTE UM	Reconectando-se com o Jesus judeu	
CAPÍTULO 1	Quem é Jesus?	17
CAPÍTULO 2	Jesus, o homem	25
CAPÍTULO 3	Jesus, o judeu	31
CAPÍTULO 4	O ministério de Jesus	41
CAPÍTULO 5	Os discípulos judeus	55
CAPÍTULO 6	Restaurando as lentes judaicas	63
PARTE DOIS	A verdade sobre Israel	
CAPÍTULO 7	Deus criou e escolheu Israel	79
CAPÍTULO 8	Deus ama Israel	89
CAPÍTULO 9	A Igreja não substituiu Israel	95
CAPÍTULO 10	Deus não está punindo Israel	103
CAPÍTULO 11	Entendendo o plano de Deus para Israel	111
CAPÍTULO 12	A restauração de Israel	127
PARTE TRÊS	Implicações para a Igreja	
CAPÍTULO 13	Restaurando o equilíbrio	143
CAPÍTULO 14	Princípio 1: Humildade	159
CAPÍTULO 15	Princípio 2: Aceitação	169
CAPÍTULO 16	Princípio 3: Identidade	175
CAPÍTULO 17	Princípio 4: Unidade	187
CAPÍTULO 18	Princípio 5: Serviço	195
	Conclusão	201



PARTE UM

**RECONNECTANDO-SE
COM O JESUS JUDEU**



CAPÍTULO 1

QUEM É JESUS?

Cresci em uma típica família judia. Não íamos à sinagoga todas as semanas, mas estávamos lá nos feriados religiosos. Celebrávamos a *Chanucá* em vez do Natal, *Pesach*, em vez da Páscoa, e também as outras festas judaicas descritas na Bíblia. Comíamos todas as comidas tradicionais associadas a essas festas e à vida judaica em geral (se você já foi a uma mercearia judaica, pode entender um pouco do meu contexto cultural).

Meus bisavós vieram para a Inglaterra em torno da virada do século, quando uma grande perseguição aos judeus estava ocorrendo no continente europeu, no então Império Russo.

Meus ancestrais por parte de pai se estabeleceram em Bradford, no norte da Inglaterra. Meu avô paterno, que morreu antes do meu nascimento, era alfaiate. Há um cemitério judeu em Bradford onde a maior parte desse lado da família está enterrada (eu particularmente sou fã de “Wolf Hoffbrand” – o X-Man originalmente judeu).

Do lado da minha mãe, meus ancestrais se estabeleceram no *East End* de Londres, onde meu outro avô também

trabalhava com alfaiataria. Até o dia de sua morte, ele não podia passar por mim se eu estivesse usando um terno novo sem agarrar a lapela e proclamar que era “um belo pedaço de *schmutter*”.¹

Muitos dos amigos de meus pais, assim como eles, eram judeus. Isso significava que havia *bar mitzvás* e *bat mitzvás*² (para meninos e meninas, respectivamente) em intervalos regulares, para um parente ou para o filho ou filha de alguém.

Fiz meu *bar mitzvá* aos 13 anos, como todos os meninos judeus fazem. Durante meses aprendi a porção da Torá (Antigo Testamento) a ser cantada na sinagoga naquele dia especial. Uma vez que tivesse assumido esse papel ativo na cerimônia, seria considerado um homem na comunidade, não mais um menino (*bar mitzvá* significa, literalmente, *filho do mandamento*, e transmite a ideia de que o indivíduo agora se torna moral e legalmente responsável por suas ações e por seguir os mandamentos de Deus).

O dia finalmente chegou e eu quase estraguei tudo. No início da minha parte na cerimônia, olhei para baixo e descobri que as bênçãos com as quais eu deveria começar não estavam em lugar algum. Entrei em pânico. Onde estava a página com as bênçãos?! Seguiu-se uma discussão em voz baixa entre meu professor e eu sobre se eu sabia as bênçãos ou não, enquanto várias centenas de pessoas se perguntavam o que estava acontecendo – foi um momento cômico aterrorizante, que nenhum garoto de 13 anos

1. *Schmutter* é uma palavra iídiche que significa “roupas”. O iídiche é uma mistura de alemão e hebraico, falado por um grande número de judeus antes do Holocausto, e ainda por alguns hoje. Como muitos judeus de sua geração, meus avós falavam inglês inserindo algumas palavras em iídiche para ficar interessante.

2. O *bar/bat mitzvá* é a maioridade judaica, quando um menino ou uma garota se tornam um membro de pleno direito da comunidade, e é a origem da tradição de confirmação cristã.

gostaria de experimentar! Depois disso, eu era um homem! Naquela noite, como é típico, encerramos com uma enorme festa oferecida por meus pais.

Na verdade, quase não fui mais à sinagoga depois disso. Eu não sentia necessidade de professar uma fé ou de conhecer a Deus e tinha pouco interesse em uma religião organizada. Como muitos judeus fazem, mantive um senso de minha identidade e formação, embora um tanto distante, mas não fazia sentido para mim conectar essas coisas à fé em Deus.

Por dentro, porém, eu tinha um anseio espiritual – um desejo de conhecer a verdade. Durante muitos anos, procurei um caminho para a “iluminação” e a verdade interior, em todos os lugares: do budismo à magia, da meditação ao I Ching, onde você imaginar, eu procurei!

A última coisa que eu queria ser era um *cristão*. Eu via essa possibilidade, em última análise, como uma traição, o passo mais distante que eu poderia dar para deixar de ser um judeu – até mesmo o próprio abandono de minha identidade judaica. Outras opções pareciam estranhas, mas o cristianismo me parecia abominável.

Esse é um sentimento comum a muitos, senão à maioria, dos judeus que conheço. Ao final deste livro, espero que as razões (e algumas das soluções) para isso fiquem mais claras, mas acredito que há dois motivos principais: primeiro, a deturpação de Jesus pela Igreja ao longo dos séculos; segundo, a perseguição do povo judeu pela Igreja no mesmo período. Na verdade, o primeiro motivo abriu espaço para o segundo.

A Igreja apresentou Jesus com tão pouco do seu contexto ou identidade judaica, como veremos, que nenhum judeu realmente se identifica facilmente com ele. Na verdade, a Igreja geralmente se desassociou tanto dos aspectos judaicos de quem Jesus é e de seu ensino e missão que, para

todos os efeitos, ele é frequentemente apresentado como um homem gentio (não judeu).

Além disso, a realidade é que nenhuma outra organização foi tão diretamente responsável pela perseguição ao povo judeu ao longo dos séculos quanto a Igreja, e até mesmo a sociedade cristã em geral. Muitos cristãos hoje não sabem disso.

Mais à frente, revisitaremos esse assunto com mais profundidade, mas resumindo, a Igreja muitas vezes acusou o povo judeu de ser “assassino de Cristo” e a fonte de todos os tipos de mal neste mundo. Em diferentes épocas e em diferentes lugares, as comunidades judaicas foram ameaçadas de pena de morte caso não se “convertessem” ao cristianismo e repetidas vezes foram expulsas de sociedades supostamente cristãs. E tudo isso foi feito em nome do próprio Salvador judeu!

Embora muitas das afirmações graves – e muitas vezes bizarras – sobre o povo judeu permaneçam em certos círculos, emergindo, hoje, dessas fontes (por exemplo, de pregadores islâmicos radicais e grupos de extrema direita), inicialmente quase todas encontraram expressão na Igreja. Essa situação perdurou ao longo dos séculos, afetando os judeus onde quer que eles se estabelecessem no mundo ocidental. Portanto, quando um judeu ouve o nome “Jesus”, as associações que ele faz são completamente diferentes do que você poderia esperar – e geralmente são muito negativas, em vez de neutras.

Então, quando Deus começou a se aproximar de mim e me mostrar que Jesus era quem ele dizia ser (e a resposta que eu estava procurando), eu cheguei a um impasse, fiquei inquieto e tentei me esquivar e me afastar de Deus, chocado com o impacto e as consequências dessa ideia. *Eu deveria apagar os últimos vestígios de meu judaísmo para seguir esse Deus cristão?*

Precisei passar por uma série de experiências sobrenaturais impressionantes, ao longo de vários anos, para reconhecer que Deus era real e, mais ainda, que Jesus realmente parecia ser quem ele disse que era.

Mesmo assim, evitei fazer parte de uma igreja ou me identificar como seguidor de Jesus, até que Deus me convenceu claramente de que Jesus e a Igreja andavam de mãos dadas.

No entanto, apesar de tudo isso, *Jesus e seus discípulos que formaram a igreja primitiva eram todos judeus*. Aceitá-lo não era o passo mais distante, mas o passo mais *próximo* que eu poderia dar do judaísmo com o qual cresci. O que chamamos de “cristianismo” surgiu da fé judaica e nunca poderia ter existido sem ela.

Além disso, o núcleo da fé cristã permanece judaico – muito mais do que imaginamos, como iremos descobrir. *O próprio Jesus nunca usou as palavras “cristão” ou “cristianismo”, mas ensinou e falou exclusivamente em termos judaicos.*

A maioria dos judeus que conheço e que abraçaram Jesus como seu Messias passaram por um angustiante processo semelhante, muitas vezes envolvendo experiências sobrenaturais e avassaladoras, como se Deus estivesse compensando os obstáculos extras que ele tem de superar.

E de onde veio essa sensação de que eu deveria abandonar meu judaísmo?

É verdade que muitos dos líderes religiosos judeus, e, em última análise, o judaísmo em geral, rejeitaram e ainda rejeitam as afirmações de que Jesus seja o Messias prometido a Israel (embora muitos judeus o aceitaram).

No entanto, o que também é verdade é que a Igreja abandonou suas raízes judaicas de tal forma que perdeu todo o senso de judaísmo de Jesus e de seu ensino – e da própria Bíblia. Na verdade, a Igreja perdeu contato com as raízes judaicas e com o contexto de muito do que acredita e pratica.

COMPARTILHE CONOSCO SUA EXPERIÊNCIA:



www.revistaimpacto.com.br



@impactopublicacoes



/editoraimpacto



contato@revistaimpacto.com.br

USE:

#leituradeimpacto

#impactopublicações

 **IMPACTO**